

Credibilidade arranhada

O poder adquirido pelo ministro da Fazenda, Guido Mantega, para dar as cartas na economia causam arrepios nos investidores, especialmente os estrangeiros, que andam trazendo cada vez mais dólares para o Brasil. "Passei a última semana em Londres conversando com os maiores fundos de investimentos de lá. E eles se mostraram muito preocupados com os novos rumos da política econômica brasileira, diante de um Banco Central mais frágil", afirma o economista Nuno Câmara, do Dresdner Bank em Nova York. A inquietação, diz ele, é grande porque se teme que o governo será mais leniente com a inflação, pois, da mesma forma que interferiu no Conselho Monetário Nacional (CMN), fixando a meta inflacionária de 2009 em 4,5%, o presidente Lula poderá intervir nas decisões do BC sobre juros.

"Esse risco já está sendo levado em conta pelos investidores. Tanto que as taxas dos juros futuros subiram no Brasil. E quem está pagando essa conta é o contribuinte, já que o custo dos títulos da dívida pública aumentou", ressalta Câmara. Ele conta que os investidores falam abertamente que a credibilidade do BC está arranhada. "O que é uma loucura. Um BC confiável mantém as expectativas inflacionárias sob controle, permitindo a estabilidade da economia e viabilizando a queda das taxas de juros, um fato a ser comemorado no Brasil, uma vez que, em todo o mundo, o custo do dinheiro está em alta", acrescenta. "Portanto, o melhor que o governo deve fazer é fortalecer o BC e respeitá-lo pela importância que tem para o país."

Perplexidade

Segundo Luís Otávio de Sousa Leal, economista-chefe do Banco ABC Brasil, um sentimento de perplexidade tomou conta do mercado desde que, há uma semana e meia, saiu a definição da meta de inflação de 2009. "O que mais incomodou o mercado não foi a meta de 4,5%, mas a ingerência do presidente Lula no CMN, influenciado pelo ministro da Fazenda. Foi uma interfe-

rência desastrosa", afirmou. Para ele, decisões políticas e não técnicas, trazem prejuízos desnecessários ao país. Isso ficou claro em 2002, às vésperas da eleição presidencial, quando o então presidente do BC, Arminio Fraga, reduziu os juros mesmo com a inflação em alta. A reação negativa do mercado obrigou

Fraga a promover, logo depois, um choque de juros.

Tanto Câmara quanto Leal acreditam que, ao fortalecer Mantega, defensor declarado de uma taxa de inflação maior para garantir mais crescimento, e enfraquecer o presidente do BC, Henrique Meirelles, Lula deixou o Comitê de Política Monetária (Copom) em uma posição altamente desconfortável. O Copom se reunirá nos próximos dias 17 e 18 de julho para definir o novo patamar da taxa básica da economia (Selic). E se a maior parte das apostas era por um corte de 0,5 ponto percentual, o mesmo não se pode dizer agora. "Além da ingerência de Lula no CMN e das desastrosas declarações de Mantega sobre a meta de inflação, todos os índices de preços vieram acima do esperado, abalando o humor dos investidores", frisa Leal. (VN e RA)

Monique Renne/Especial para o CB - 16/6/05



CÂMARA, DO DRESDNER BANK: INQUIETAÇÃO ELEVA JUROS